

José Oliveira Barata  
Maria da Graça Pericão

# Catálogo da Literatura de Cordel

Colecção Jorge de Faria



PORTO  
LIVRARIA CHARDRON=EDITORA

96 — Clerigos — 98

1897

## ÍNDICE GERAL

Nota preambular	5
Nota técnica	9
Catálogo	23
Índice de autores e tradutores	369
Índice de autores musicais	376
Índice de lugares de impressão	380
Índice de impressores	382
Índice cronológico	389
Índice de locais de representação	394
Índice das peças musicadas	396
Índice de possuidores	397

Acabou de imprimir-se  
em Dezembro de dois mil e seis.

---

Edição n.º 1013732

---

[www.incm.pt](http://www.incm.pt)  
E-mail: [dco@incm.pt](mailto:dco@incm.pt)  
E-mail Brasil: [livraria.camoes@incm.com.br](mailto:livraria.camoes@incm.com.br)



INCM



FUNDAÇÃO  
CALOUSTE  
GULBENKIAN





# Catálogo da Literatura de Cordel

(Colecção Jorge de Faria)

José Oliveira Barata  
Maria da Graça Pericão



INCM

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.



FUNDAÇÃO  
CALOUSTE  
GULBENKIAN



Editado por Imprensa Nacional-Casa da Moeda e Fundação Calouste Gulbenkian  
Título: Catálogo da Literatura de Cordel  
Autores: José Oliveira Barata • Maria da Graça Pericão  
Projecto gráfico: Ana Carrelhas  
Pré-impressão e impressão: Imprensa Nacional-Casa da Moeda  
Tiragem: 800 exemplares  
Depósito legal: 251 271/06  
ISBN: 972-27-1532-1  
1.ª edição  
Lisboa, Dezembro de 2006

Na capa: Gravura para a capa de “Tragédia do Marquez de Mantua e do Imperador Carloto Magno”, Porto, Livraria Chardron - Editora, 1897

## Nota preambular

**José Oliveira Barata**  
Universidade de Coimbra

A publicação do *Catálogo de Folhetos de Teatro de Cordel* da Biblioteca do Instituto de Estudos Teatrais Dr. Jorge de Faria da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra dá continuidade a trabalhos anteriores e cumpre o dever de disponibilizar aos estudiosos o valioso espólio legado pelo Dr. Jorge de Faria.

Aquele de quem Matos Sequeira, em dedicatória aposta aquando da oferta ao estudioso do seu livro *Teatro dos Outros Tempos*, dizia ser “o homem que mais sabia de teatro e que menos escreveu sobre ele”, reuniu uma das mais preciosas e indispensáveis bibliotecas para o estudo do teatro em Portugal.

São muitos os homens de teatro que ainda hoje o lembram sublinhando a fraterna amizade que prodigalizava sem limites no zelo, dedicação e rigor com que se entregava ao ensino no Conservatório Nacional, deixando nos muitos profissionais de teatro que o tiveram como professor uma impressiva marca de saber, competência e devotado humanismo.

No entanto, apesar da sua indiscutível importância, o nome de Jorge de Faria apenas surge associado a alguns (poucos) títulos bibliográficos para se apagar na vastidão de uma *biblioteca* que é o testemunho indesmentível do seu permanente interesse pela arte teatral e pelo exercício da crítica teatral, aspecto que lhe mereceria aturada investigação.

O núcleo que agora se privilegia, no momento em que se publica o catálogo das espécies de teatro de cordel — descontados os problemas que esta classificação desde logo sugere — é apenas um dos mais importantes e quantitativamente expressivos desta biblioteca que, de forma inequívoca, se impõe pela sua raridade.

O interesse em o divulgar afigura-se importante pois permitirá aos estudiosos completar uma visão de conjunto sobre uma produção que floresceu no espaço ibérico desde o século XVI até ao século XVIII de forma quase ininterrupta, testemunhando a vitalidade de géneros dramáticos por vezes de difícil caracterização.

Acresce ainda que o núcleo central que Jorge de Faria diligentemente colecionou foi-se enriquecendo com fundos que só mais recentemente surgiram disponíveis. Assim aconteceu com o acervo de folhetos de teatro de cordel da colecção de Joaquim Madureira (Braz Burity) que, graças a um subsídio da Fundação Calouste Gulbenkian, pôde ser adquirido, evitando-se



que mais este precioso espólio tivesse um destino semelhante ao do fundo Palha que repousa na Biblioteca de Harvard.

Já aquando da publicação do *Catálogo das Miscelâneas* da Biblioteca Geral da Universidade, no estudo prefacial sobre o teatro português no século XVIII que introduz a recolha bibliográfica organizada, Aníbal Pinto de Castro escreve que, uma vez inventariado o rico espólio legado por Jorge de Faria,

“teremos inventariados e postos ao alcance dos investigadores os principais fundos bibliográficos para o estudo do teatro em Portugal, desde os autos de Gil Vicente aos dramas do Romantismo” (Castro, 1974:2).

Convirá neste momento referir, ainda que brevemente, os anteriores trabalhos já realizados para melhor perceber como a demora no levantamento dos nossos “principais fundos” tem arrastado consigo iguais atrasos na reflexão sobre uma zona pouco iluminada da nossa história literária.

Em 1922, publicado “por ordem da Academia Ciências de Lisboa”, saiu a público na Imprensa Nacional *Teatro de Cordel (Catálogo da Colecção do Autor)* de Albino Forjaz Sampaio. O parecer que a Classe de Letras emitiu em 27 de Fevereiro de 1919 recomendava “com alvoroço a publicação, tão breve quanto possível, do paciente trabalho apresentado pelo Sr. Forjaz de Sampaio”, confrade académico a quem a Academia agradecia os serviços prestados “à história da Literatura nacional, à etnografia pátria, à lexicografia, a tantos outros ramos conjugados da ciência” e, em especial, “o cuidado que de há uns tempos a esta parte lhe tem merecido a evolução do teatro português, atestado pela publicação dos Monumentos de Literatura Dramática”.

O parecer, de que era relator Henrique Lopes de Mendonça, e subscrito igualmente por Joaquim Coelho Carvalho, Júlio Dantas, Francisco Teixeira de Queiroz e David Lopes, terminava com um voto bem explícito:

Seja lícito à secção formular mais um voto, que o presente trabalho lhe sugere. É que, de entre a copiosa colecção teatral, que o Sr. Forjaz de Sampaio logrou reunir sejam seleccionadas as peças que, ou pela forma literária do contexto, ou pelo seu valor etnográfico, ou por outro qualquer motivo atinente à filologia ou à história, merecem ser reeditadas a expensas da Academia e incorporadas na colecção dos Monumentos de Literatura Dramática a que acima nos referimos.

A publicação do *Catálogo de Forjaz Sampaio* assinala um marco referencial

no, ao tempo, escasso panorama bibliográfico nacional sobre *literatura de cordel* ou se quisermos ser mais precisos, sobre o *teatro de cordel*.

Embora seja por demais evidente que o enquadramento desta literatura surge marcado pelos grandes vectores críticos do positivismo reinante, convém não desdenhar desta metodologia – para alguns irremediavelmente datada – relembrando que só o “paciente trabalho” de estudiosos como Forjaz de Sampaio, o labor filológico de Carolina Michaelis, os apontamentos reunidos na *Etnografia Portuguesa* de Leite de Vasconcelos ou as muitas informações (embora quantas vezes imprecisas!) transmitidas ao longo da sua vasta bibliografia por Teófilo Braga, nos permitem uma primeira aproximação ao vasto acervo de uma literatura até então pouco valorizada no confronto com o *cânone* oficial da nossa instituição literária.

Os contributos dispersos (e no entanto convergentes) de etnógrafos, filólogos, antropólogos que, sistemática ou parceladamente, iniciavam o estudo das nossas tradições populares, contribuíam decisivamente para consolidar uma visão mais clara de um *corpus* essencial que, graças a esse trabalho pioneiro – e tanta vez minimizado –, tem vindo a facultar a grande número de estudiosos um inicial ponto de reflexão. Para mais, o inventário bibliográfico realizado por Forjaz de Sampaio evidenciava um fundo que ficara disponível em Portugal, por oposição ao que sucedera à rica Biblioteca de Fernando Palha, que viajara para Harvard, cujo *Catálogo*<sup>1</sup>, organizado por grandes núcleos (*Théologie, Jurisprudence, Sciences, Arts Divers, Beaux-Arts, Livres Illustrés*) acolhe o legado de Rodrigo Felner que também se considerou na elaboração deste *Catálogo*<sup>2</sup>.

Em 1963 a Fundação Calouste Gulbenkian adquiriu os 793 exemplares da colecção Forjaz de Sampaio e deu-lhe a necessária divulgação, ao publicar no seu *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*<sup>3</sup> a descrição biblioteconómica das espécies conservadas.

Onze anos depois, em 1974, incluído na série de *Catálogos das Miscelâneas da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*, publica-se o Tomo 7º dessa série de *Catálogos*, antecedido de um importante estudo prefacial<sup>4</sup> de Aníbal Pinto de Castro que, analisando as espécies constantes das várias miscelâneas, estabelece um quadro rigorosamente informado sobre as principais linhas de penetração do teatro espanhol, francês, italiano e inglês entre nós, bem como assinala, com particular pertinência, alguns aspectos referentes à produção nacional, nomeadamente aquela que se afirma após o triunfo do nosso humanismo renascentista.

As dificuldades não preliminarmente resolvidas sobre a definição e contornos do que vulgarmente começou a entrar na linguagem da história literária como “literatura de cordel”, estão por certo na base dos vários critérios seguidos na elaboração dos *Catálogos* que até nós chegaram, ou

ainda, se quisermos alargar o âmbito dessa reflexão, à própria elaboração de antologias de duvidoso critério, ou artigos críticos que, desde logo, expressam a ambiguidade do campo terminológico em que nos movemos.

A nem sempre fácil delimitação do que se entende por *literatura de cordel*, nomeadamente quando se procura redutoramente classificá-la em função de critérios exclusivamente formais ou materiais, pode condicionar a avaliação global das várias colecções apresentadas nos Catálogos já existentes.

A associação dessa literatura ao conceito de *popular* tem contribuído igualmente para reforçar juízos simplistas que no entanto, dificilmente resistem aos sucessivos exames críticos que, no quadro da *instituição literária*, se têm vindo a verificar. Partir para a análise desse extenso *corpus* implicará sempre a clara consciência de que nos confrontaremos com a permanente labilidade de conceitos que o exame atento de alguns casos acaba inevitavelmente por comprovar.

Não cabem nesta breve nota considerações mais alargadas sobre a *turbulência terminológica* que diversas escolas críticas acabaram por reflectir em trabalhos que, pese embora os seus contributos operatórios, contribuíram para uma proliferação taxonómica que inevitavelmente perturbou a transparência conceptual, como assinala Jacques Migozzi:

En matière de “littérature populaire” la dénomination même de leur object d’étude est, on le sait bien, un terrain piégé pour les chercheurs. Littérature populaire, littérature marginale, infralittérature, contre-littérature, autre littérature, paralittérature, littérature de grande consommation, littérature sérielle... les appellations proliférantes depuis trente ans ont été pesées, récusées, étrillées, critiquées dans leurs connotations axiologiques comme dans leurs présupposés institutionnels (paradigmes hiérarchiques du haut et du bas, du centre et de la périphérie, du dedans plein au dehors ectoplasmique...)”<sup>5</sup>

Os 1928 exemplares recenseados neste Catálogo devem ser entendidos dentro de uma definição muito alargada de *literatura de cordel*; e de uma literatura de cordel exclusivamente dramática, ficando desde logo excluída qualquer reflexão sobre os muitos folhetos que contêm narrações fantásticas, hagiográficas, fabulosas, monstruosas ou romanescas que constituem outros tantos capítulos da história por fazer desta literatura. A por vezes citada *monotonia temática*, invocada para justificar um menor interesse pelo estudo da literatura de cordel, é apenas aparente, e relaciona-se com classificações metodológicas que há que não perder de vista. Diversificada entre folhetos que nos falam de relações de monstros, práticas fantásticas, dissertações